

PALAVRA

ANNO 1 — NUMERO 8

Organ litterario

ASSIGNATURA: MEZ 500

REDACTORES: FERNANDO CALDEIRA E JULIO CAMPOS

COLLABORADORES: — D.D. Delminda Silveira e Ibrantina de Oliveira, Virgilio Varzea, Jansen Junior, Lydio Barbosa, Adolpho Mello, Miguel Baraco, Horacio de Carvalho, Arthur de Mello, Araujo Figueiredo, Salles Brazil e José Boiteux

REDACÇÃO—RUA DO SENADO N. 4 (SOBRADO)—PUBLICAÇÃO SEMANAL

SANTA CATARINA — Desterro, 16 de Agosto de 1886

OS FILHOS ADOPTIVOS

A EXMA. SRA. D. AURELIA VARZEA

Eram dous os coitaditos.

Encontrei-os sós, abandonados por mão impiedosa, sujeitos à lei da sorte e soffrendo terrivelmente a fome e o frio de uma noite cruel, invernososa e mortalmente fria!

Recolhia á casa de volta do theatro onde fôra procurar uma distração ephemera ás preoccupações de espirito que de ha muito me perseguia.

A chuva e a rigidez do vento casavam-se n'uma desharmonia profundamente insupportavel, que mais augmentava o meu máo humor e mais pesado e denso o voo negro da tristeza que me envolvia.

Nunca senti em mim tamanho desalento!

Envolto militarmente no meu bom *bismark*, velho companheiro das minhas aventuras românticas, tomava o caminho de casa, onde ansiosas e preocupadas, voltavam cheias de terror, duas creaturas que anhelantes tremiam pela minha volta, lançando ao menor ruído um olhar penetrante e prescuroador, em direcção ás vidraças da porta, que as bategas da chuva e as rajadas do vento açoitavam desapiedadamente.

Ingrato que eu era!

Cheio da suavidez do olhar d'ella, e comprimido nervosamente um perfumoso bilhete, nem sequer consagrei um só minuto á lembrança d'aquellas duas almas frementes e cheias do amor por mim.

Tomava-me a vertigem febril da carreira e fôra o meu maior desejo nunca mais parar, caminhando sempre, sempre, em busca de um mundo desconhecido, onde pedesse matar esse amor criminoso que me roubava ao doce aconchego do lar.

O lar!... nem me lembrava d'elle, desgraçado!

N'aquelle santuario, dous corações, diferentes pela idade, mas irmãos na dor e na alegria, palpavam pelo meu regresso: —um era o de minha velha mãe, que rogava fervorosamente a Deus que guiasse os meus passos a salvamento, — o outro, mais violento talvez, era o de minha santa esposa, que ansiosa e cheia de saudades velava sempre, acalentando n'alma a minha imagem, e no regaço uma creança loura—o meu primeiro filho!

O frio recrudescia e me regelava as carnes.

Lembrei-me dos miseraveis e tive pena d'elles. Como não soffreriam os desgraça-

dos, sem conforto e sem um farrapo para protegê-los do inverno!

Subito, como se o acaso aproveitasse o meu asomo de compaixão pelos desamparados, ouvi sahirem de uma sargeta, uns sons vagos e confusos, semelhantes aos vagidos de um recém-nascido. Levado pela curiosidade, aproximei-me do lugar de onde elles me vinham, e então, transido de dôr, blasphemei contra a crueldade humana!

Eram dous os coitaditos, dous cachorrinhos, que mão impiedosa atirára á rua, condemnando-os, á fome e ao frio de uma noite cruel, invernososa e mortalmente fria!

Toméi-os commigo, na incerteza de que lhes poderia dar a vida que lhes ia fugindo e o alimento que lhes faltava, escondi-os nos bolsos do meu bom *bismark*, velho companheiro das minhas aventuras românticas.

Foi só então que me lembrei de casa e confesso que essa lembrança veio-me tão repassada de censura, que não mais me detive.

Corri, e na esperanza de que a boa acção que acabava de praticar impediria uma só queixa d'aquelles que por mim esperavam, de prompto cheguei á casa e entrei resolutio.

Minha velha mãe e a minha fiel companheira velavam sempre!

Quando me-viram transpôr o limiar da porta, houve uma explosão de beijos:—era a primeira vez que sentia o peso da minha cruel ingratitude. Mudei, porém, do meu enleio e fallei-lhes desses polbres que morriam á fome; era preciso salvá-los, mas como... se os desgraçados ainda não podiam comer!

Eu os salvarei, exclamou minha adorada esposa, e, tomando-os cheia de blandicias e de um amor unico, acalentou-os, chamando-os á vida com o seu proprio leite. Eram dous os filhos adoptivos.

Deixei, então, cahir pela primeira vez uma lagrima ardente de reconhecimento... Estava enrado!

CARLOS JANSEN JUNIOR.

Desterro—Maio de 88.

DIAS DE CHUVA

A CARLOS JANSEN JUNIOR

Ha seguramente tres dias que eu não vivo, que não vejo o sol, nem falo. E' sabbado: são dez horas da manhã. E

ella, a minha adorada Everalda, não veio, não virá mais de certo. E no entanto dizia-me na sua cartinha d'uma letra fina e miuda: «Amanhã, quinta-feira, vou. Estou douda por ver-te... saudades... não imaginas»...

A chuva tem cahido e cae incessante.

O céu pardacento, d'uma claridade esmaecida e igual, verte a agua em fios, como se a passasse por uma pe-neira gigante.

Um frio horrivel de sezões anda-me nas carnes e o negro e fundo spleen de Merimée ataca-me com furia o coração, onde o fôl rebenta em ondas. Tenho as unhas rouxas e a pelle engilhada e fria como um cadaver. Sentado, com o peito atracado á mesa da escripta, o braço direito em angulo apoiando o queixo, voltado para a janella, com os olhos cravados no tecto, através dos vidros açoitados pelas rijas e sonoras bategas, que o vento de léste impelle, a rajadas—eu, mudo e encanizado, n'uma formidanda excitação de nervos, penso profundamente nella e sinto um odio terrivel, uma electrica neurose de ferocidade animal, que me incendia de instante a instante, contra tudo e contra todos...

Debalde intento lêr. O meu livro querido, o PRIMO BAZILIO, o livro extraordinario, que está aberto diante de mim, causa-me tédio.

E, quando, de repente, aggride-me o cerebro, como um fusil, a idéa de que ella talvez mentisse-me, a falsa, enche-me o peito um furor e assalta-me uma vontade indomita de estrangular alguem...

VIRGILIO VARZEA.

LONGE DE TI

Longe, longe de ti, meu astro de alegria,
Afflicta lamentando a tua triste ausencia,
Sinto o peito ferido á dôr das agonias...
A' dôr que me devora em ancias a existencia...

Longe de ti, que vida atroz e amargurada
Sem um riso de amor, um raio de esperanza...
Sem ouvir tua voz amena, idolatrada
Que o peito me inundava em ondas de bonança.

Isolada, aqui só, n'esta solidão enorme,
As lagrimas d'ausencia a ti bem mais me prendem.
São cadêas de amor ardente, que não dorme
Nos estos das paixões que sobre mim se estendem.

Quem pôde me animar n'este martyrio infundo,
Que o animo me rouba, o somno, a paz, a calma?...
Só tu! Unico amor do meu viver, sorrindo
Podes dar-me de novo a vida de minha alma!...

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Dosterro, 8 de Agosto de 1888.

A MUSICA

AO MEU AMIGO E MESTRE—JOSÉ BRAZILICHO DE SOUZA

A musica, esta sublime arte, filha da natureza, que tem o poder grandioso de exprimir nos sons dulcissimos de sua linguagem terna, apaixonada, entusiastica e piedosa qualquer sentimento conforme o caracter de sua composição;

A musica, esta linguagem celestial que baixou á terra osculando a poesia e que pelas noites primaveraes de limpidão luar leva ao coração da virgem amada o perfume suave das queixas que suspira o amante;

A musica, tão antiga como o mundo, que foi sempre exercida por todos os povos e onde os philosophos da antiguidade viam um poderoso auxiliar para excitar o coração á sensibilidade das cousas;

A musica, que é hoje considerada como uma parte integrante da educação da mocidade estudiosa, e que pelas revoluções por que tem passado vai eíngindo a fronte invejavel dos Verdis com sua corda feita das ovações das platéas civilisadas, d'onde se irradiava a gloria;

Só ella, só ella, tem o magico poder de, nos campos da batalha, onde se trava a luta sanguinolenta entre os nobres soldados que defendem a patria, incitar a coragem de seus defensores como que dizendo-lhes: «Não temais o tropejar dos canhões que lançam a morte em nossas fileiras bravas. Escutai-me o hymno que conduz á victoria. Elle tem a energia do offendido brioso que vingá-se do ultrage que lhe ferio a honra.»

E os soldados combatem, figuras do exterminio, não temendo o choque das balas que partem, ferem, esmagam e matam.

Quem ha que nunca se sentisse arrebatado por esta arte tão encantadora?

No entretanto, meu mestre, como sabeis, o abatimento em que ella jaz no Brazil é a consequencia fatal do limitado concurso que a applaude.

E a que devemos attribuir esse indifferentismo vergonhoso? Será pela ausencia geral do bom gosto pelas bellas artes? Não. Carlos Gomes, o sublime poeta do Guarany, Victor Meirelles, Pedro

Americo e outros tantos genios que têm aduarrado a Europa civilisada com suas vastas concepções; mostram que em nossa patria ha artistas de grande merecimento; que, si á musica falta a adhesão necessaria para seu engrandecimento, não é porque seja ella uma arte insignificante, onde a belleza só exista nos sons. O numero de admiradores é grande, porém o d'aquelles que se dedicam a ella é limitadissimo. Quantos não principiam a estudar-a e depois... disparam! E porque? A resposta não é difficil de achar-se.

O musico não se faz a custa do sacrificio do professor intelligente que embalde lutará para proveito de seu discipulo. Como o poeta, como o pintor, só a natureza pode-lhe dispensar esse dom sublime do talento que desenvolve-se com rapidez para assombro da humanidade.

E permiti que vos diga, meu mestre, desculpando-me a offensa á vossa reconhecida modestia, que se vivesseis em um centro menos acanhado do que este, certamente que vossas produções, onde se nota um cunho de originalidade e bom gosto, teriam mais admiradores, dando-vos popularidade.

ADOLPHO MELLO.

A ESCOLA

Vais para o baile, é hora: as fluctuantes Gazes te envolvem como as nevoas puras
Que os astros vestem nas azues alturas...
Vais coberta de gaze e de diamantes;

E enquanto espalhas graças deslumbrantes,
Repleta de opelencia e de vepturas,
Ha um milhar de pobres creaturas,
Que se estorcem—na noute—agonisantes:

Moças sem pão, crianças magras, nuas.
Cujo supplicio fôra alliviado,
Se quizesse das pallidas mãos tuas,

Num santo gesto, rapido e ignorado,
Deixar cabir na lama dessas ruas
Um alfinete só do teu toucado.

GEIMARÃES JUNIOR.

DR. CUNHA LEITÃO

CARTAS A JULIO CAMPOS

II

Presadissimo Julio.—Impõe-me o dever tornar aqui patente a immensa distincção que sempre votei ao nome do Dr. Cunha Leitão, mais uma esperanza da patria prematuramente tombada ao peso da morte.

Moço ainda, quando risonho desvendara-se-lhe o futuro em toda a sua

amplitude; quando muito legalmente preparava-se para ser o interprete dos sentimentos de um povo nobre, subindo ás eminencias do poder, para representar com gallardia uma nação livre, fulmina-o traigoeiramente uma apoplexia, paralyzando-lhe todo o organismo. E quando o moço estadista desappareceu do scenario da vida, bem poucos souberam aquilatar a perda de uma nação.

O que fôra o Dr. Cunha Leitão como deputado e escriptor, o sabem todos.

Desde os tempos academicos, soubera impôr-se á consideração de seus con-discipulos e á estima de seus mestres.

E era tal a sua reputação que, cursando o 3º anno da Faculdade de Direito de S. Paulo, foi escolhido para redigir uma folha importante, «A Imprensa Academica», órgão dos estudantes, de cuja missão desempenhou-se a contento geral. Com o conselheiro Leoncio de Carvalho, ex-ministro do Imperio, e Dr. Didimo Junior, redigiu tambem a «Palestra Academica», que teve uma circulação immensa em S. Paulo e onde seu nome ganhou mais vulto e popularidade.

Ainda estudante fôra eleito presidente de varias sociedades pias e scientificas, prova inconcussa do geral conceito de que gosava.

E o dia em que graduei festa, como tambem o ex o capello, a cujo acto pessoas distinctissimas da ellas o fallecido Visconde de... fêto, ex-presidente do conselho de Ministros. Estreando na carreira politica, fez-se o Dr. Cunha Leitão eleger deputado provincial pelo 12º circulo do Rio de Janeiro e logo depois deputado geral, em cujo cargo conservou-se até a morte. O Dr. Cunha Leitão tinha estudos profundissimos, sobre instrução publica; e seus «Pareceres», apresentados ao Congresso da Côrte, deram-lhe nomeiada immorredoura, sendo de ha muito apontado para exercer o alto cargo de Ministro do Imperio.

Como deputado, não era o Dr. Cunha Leitão dos mais assiduos na tribuna, não porque faltasse-lhe eloquencia, mas por não desejar entreter polemica, como sóe acontecer com quantos se interessam por uma causa nobre e justa. Tendo contrariado sua propria opinião, para respeitar a dos seus amigos, directores da politica do circulo que elle representava na Camara, o Dr. Cunha Leitão votou contra a aurea lei de 13 de Maio, e o fez tão constrangido, que dois dias depois cahia apopletico, apagando se d'aquelle craneo privilegiado o sublime das ideias que acariciava tão mansamente e que lovarião esta patria um dia ao apogeo da verdadeira gloria. Ló, Julio, nos factos da vida d'essa individualidade

lão expressiva, paginas suavissimas, rematando no doloso de um acontecimento fofestissimo.

«Benedicite memoria».

ARTHUR MELLO.

S. José.

ROMANTISMO
A. E. HORN

A alcova onde «ella» dorme, ninho onde em aconceio
Ditosa e pensativa estuda mil caricias,
E' tepido e atraheite e perfumado meio
Qu'ineita a praticar uns crimes de delicias.

Eil-a agora sentada (augusto devaneio)
N'um divan de setim de um rubro alarujado,
Veste alvo a pegnoir a semi-aberto ao seio,
Que deixa devassar seu leve aveludado.

Seu pé bate inquieto o chão atapetado:
E' que pensa talvez assim voluptuosa
No beijo abrasador da noite do noivado.

Eil-a agora a sorrir sentindo-se ditosa,
Por entre os labios seus se vê enfileirado
Um collar de crystal em concha cor de rosa.

S. BRASIL.

Desterro.

O MENDIGO

Na beira do rio, coberto de andrajos, tendo por habitação a terra nua e fria, e como tecto o universo, o desgraçado sorria ao encarar a tempestade que ao longe bramia, auciava o tufão que medonho, desencadeado, lá vinha erguendo montanhas de agua, como desafiando a elementos mais fortes, e elle o—infeliz—, que semelhante ao colosso das florestas luctou fortemente com os vendavaes da vida e venceu-os, ia finalmente succumbir ás rigesas cavernosas do tempo.

O rio crescia cada vez mais; as avessinhas multicores, os beija-flores dos prados já não esvoaçavam por sobre a sua cabeça, já não se ouvia os arrelhos da graciosa jurity, nem os vagidos dos animaes bravios, apenas ao desencadear da tempestade, ao rugir do vento, ao estrepitar do trovão, fugiam velozmente d'aquelle sitio medonho, alguns passaros, que acordados pelo rumorajar das aguas, soltavam nos ares gritos atroadores.

Não se ouvia mais o bramejar do furacão, sentia-se só o encontrar dessas piramides robustas, dessas babel de espumas e de quando em vez o choque de um carvalho gigante, que não poude zombar das fúrias da tormenta.

Elle, o pobre mendigo, o desprezado da sociedade, sentia-se feliz vendo-se desaparecer deante das impetuosidades da procella.

O mudo, essa chiméra ridicula, essa illusão vasia, deixava-o elle brevemente porque as aguas já assomavam ás suas pernas geladas, lirtas e

de parecia respeitar aquellas vestes entranhadas de lama, aquelles cabellos brancos como a neve, aquelle corpo horripilado pelos negroses da sociedade, semelhante a uma folha secca, acabrunhada pelas intemperies, mirrada pelo peso da descrença.

Uma onda gigante, ameaçadora levanta-se, porém, no meio desses phantasmas cor de neve, some-se, ergue-se depois altiva correndo tão impiedosamente como o medonho simonm nas costas africanas; chega, abre a sua esverdeada cratera e o infeliz por ella arrastado, nem sequer pronuncia um —ai—, uma maldição, uma saudade desse mundo que o desprezou.

FERNANDO CALDEIRA.

7.—8.—88.

SONETO

AOS ANOS DE M. B. A. VARELLA

Ha doze luas qu'eu a ti contente
Cantei-te o natalicio jubiloso,
Por meio d'um soneto venturoso,
Que sempre has tido conservado em mente.

Não sei se o fado me será ridente,
Grangeando p'ra mim teu voto honroso;
Porém contudo, ouhura devotose,
Venho os annos cantar-te novamente.

Hoje, qu'á d'annos de Varella,
Descanta a proibidade, —a musa bella,
Jucunda as palmas a modestia bate!

Briade, tambem, a minha musa pobre
De funcionario ao typo, ao celso, ao nobre
Consorte, genitor, amigo e vate.

WENCESLAU BUENO.

Desterro, 4 de Agosto de 1880.

EM QUE PENSAS ?

—Porque estás triste, minha doce Julieta? Na pallidez do teu rosto meigo, no carmin perfumado dos teus labios, no teu olhar vago e melancholico, ha como que uma nuvem de maguas indefinidas, ha como que o presagio de uma fatalidade desconhecida, ha como que a presciencia de uma dor que se aproxima... Porque estás triste, minha doce Julieta?

— Dizem que quando a vida se deslisa serena e bella, como transparente regato por entre vergéis floridos, não se deve pensar... Mas eu penso, penso muito, e os meus pensamentos são tristes como noites sem luar, são pensamentos em que scintillam as lagrimas e a morte predomina... — Mas a tua existencia é como a

pelas brizas gárrulas da felicidade, osculada pelos colibrys irrequietos da esperança, namorada pelo céu azul das venturas infinitas. O sol esplendido das alegrias perennes desfolha sobre a tua fronte de anjo os seus raios luminosos em ondas de oiro. Jamais uma nuvensinha mareou por um momento o setim brilhante dos teus dias de rosas e de sonhos. Jamais agitou-se por um momento só o sereno mar dos teus suaves folguedos... Pará que pensar?... No passado? Adormceeste creança debil, de fronte de alabastro, cabello loiro e annellado, olhos azues e inquietos, sorriso pelutante, mas meigo, e despertaste moça, de fronte morena, cabello negro e opulento, olhos languidos, sorriso doce de anjo... O passado foi um sonho: acabou.

— Como acabam todos os sonhos, todas as illusões da vida...

— Pensas no presente? Mas o teu presente é como um fio de perolas desatado sobre aréas de oiro. Os teus dias succedem-se sempre calmos, sempre serenos, sempre bellos... O futuro!... Para que pensarmos no futuro, si lhe não podemos penetrar os mysteriosos areanos?... O futuro é insoudavel como um abysmo sem fundo... Não penses mais. Levanta a fronte de rainha e sorri-te á vida. Deixa as scysmas para os que soffrem, para os que choram... Sorri-te á vida, que é toda luz, toda flores, toda perfumes...

— Toda luz, toda flores, toda perfumes... para os felizes, para os protegidos da sorte; mas os outros, os que não teem lar nem pão?... para os que atravessam a vida como o rosto queimado pelo pranto, com a febre a incendiar-lhes as fronteas, com o seio enfecbrecido e oppresso, em demanda de um calvario onde descancem na morte, sem nunca o encontrarem?... Oh! a rua da amargura é longa, e é bem pesada a cruz do soffrimento... E os desgraçados, os pariás da ventura, vão rasgando as carnes, vão dilacerando as vestes nas urzes e nas pedras da eterna estrada, deixando atraz um passado de lagrimas e avançando para um futuro de agonias... Assim, cahem a soluçar, exhaustos, curvando as fronteas suarentas e lividas e beijando o chão endurecido que os cobre de chagas e de sangue... ali, com os olhos, já sem brilho e quasi sem vida, fictam o céu mudo e silencioso, implorando compaixão, pedindo misericordia, e como que a perguntarem:—«Porque soffremos assim? que crimes commettemos nós para tamanho castigo?...» Chegam, finalmente, ao termo da via dolorosa. E' noite, noite erma e sombria. Olham vagamente em derredór... Por toda parte a solidão da morte; trevas por toda parte: ao sul, temporaes desfeitos, ao norte, borrascas aterradoras... E elles ali ficam, no meio d'aquella mudez infinita de sangue ardente, com as carnes rasgadas, banhadas

nús, agonizando de frio, moribundos, sobre um chão de espínhos... Aqui está nò que eu penso, é isto que me entristece... Oh! si eu pudesse ir de cidade em cidade, de aldeã em aldeã, de porta em porta, levar a todos que soffrem e que choram o balsamo da consolação na palavra que dá esperança, e na esmola que fortalece, então, sim, então não mais me veria triste... Vêr todos alegres, todos felizes, é o meu supremo ideal... Não teem coração, não teem alma, não teem sentimento os que pensam somente em si, no seu bem estar, na sua tranquillidade...

— Teus razão, minha doce Julieta: tu és um anjo!

HORACIO NUNES.

CHORO

Em casa a mulher contente,
Abraça o filho querido,
Quando de subito sente
Morto cahir o marido...

Lá dentro é tudo silente,
A não ser longo gemido
Do fundo d'alma partido,
Da esposa que fica ausente!

E na sala, compungida,
Ella de dôr abatida,
Dá de vez em quando um—ai!

No quarto, Nenê beijando
O morto, de quando em quando
Repete:—Acorda, papai!

OCTAVIANO FERREIRA.

MAIS UMA

(SCENAS DE PROVINCIA)

(Continuação)

A chegada do carro ao terreiro da ermida, foi um triumpho. Vinham ali as moças mais elegantes — o beijinho: e apenas as raparigas saltaram para o chão, compondo os lenços, endireitando as pregas das saias, foram arrebatadas para o baile pelos pares que as esperavam.

Ficaram horas no baile, andando á roda n'um passo vagaroso, cantando em côro as modas lentas, entoadas em terceiras, prolongadas em sonoridades singulares e doces. A cada volta havia um «changez de dames»; e as moças calculavam já de longe quando

chegava o namorado. Mas, depois, ficavam sansas, muito sérias, deitando-lhes apenas o rabinho do olho, respondendo levemente á pressão terna das mãos callosas e suadas.

Já tarde, quando a luz horisontal passava roçando nos restolhos ruivos, e a sombra da ermida se alongava sem fim pelo campo queimado, a Rita deixou o baile: e, com a Chica Sirgueira, foi tomar ar, espaiar-se em volta da ermida. Pararam um momento a vêr a villa, em baixo, saindo clara do cinzento terroso dos farrejas; as casas brancas do arrabalde, rosadas agora na luz do poente; as arvores dos quintaes, recortando-se em pequenas manchas escuras; os últimos raios do sol, batendo de chapa nos vidros novos do predio alto do Cardoso. Isto interessou-as. — Olha! parece que está a arder, disse uma dellas. Mas seguiram, enlaçadas, os braços á roda das cinturas, mascando nos dentes uns raminhos de alecrim, cochichando confidencias amorosas. Na volta, quando passavam deante do adro, o João Cardoso destacou-se de um grupo de ricos, que ali estavam fumando e veio fallar-lhes:

— Olá, Ritinha! Cada vez mais linda. Quê boa que tu estás hoje!

A Rita quiz passar sem responder. Detestava—o bruto do Cardoso. Mas elle atravessou-se no caminho. Estava ignobil na virilidade sanguinea e bem mantida dos seus quarenta e cinco annos, gordo, o beigo caído, o branco do olho raiado de sangue, as mãos fundamentalmente plantadas nos bolsos das calças, quebradas em pregas velhas. E, cynicamente, sem se importar que a Chica ouvisse:

— Olha lá, Rita, em querendo é dizel-o. Ainda que seja uma vez só, has de andar ahí vestida de sêdas, metten-do as outras todas n'um chinello.

Perante a injuria d'aquella offerta bruta de compra, a Rita sentiu-se corar até á raiz dos cabellos. Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas de raiva. Procurou uma resposta, uma palavra com que açoitasse as faces do homem; mas só soube dizer:—Deixe-me passar. E fugiu com a Chica para o baile.

Dançavam «ó meio». Os moços e as moças, de mãos dadas, formavam uma larga roda andando mais depressa, cantando n'um rythmo vivo; e dentro cinco ou seis pares polkavam—uma polka especial, pulada, valente, batida no chão pelos sapatos grossos. A Rita viu o Zé Severo, e foi tiral-o, offerendo-se, com os braços abertos. Foram ao meio; e, encostada ao peito do namorado, enlaçada pelo seu braço robusto, pela sua mão dura que lhe magoava as costellas, a rapariga ficou mais contente, instinctivamente protegida pela honestidade rude d'aquelle abraço, vingada do

Quando a Rita chegou a casa, já depois das nove horas, o pai ainda não recolhera, e a mãe, a Benta, começava a estar inquieta; mas a rapariga tranquillizou-a: —O pae tinha ido com as duas parellhas buscar uma mó á Pedra furada para a levar ao moinho da Vargem. Eram mais de tres leguas de caminho; e, com uma mó em cima do carro, as parellhas não podiam andar, como se levassem cincoenta alqueires de trigo... primeiro que chegassem á ribeira... que descarregassem a mó... que voltassem. Por ora não tardava.

Tinha-se sentado junto da porta, procurando fresco, esbrazada ainda do dia, o lenço da cabeça desatado, o pescoço humido, veudo, lá fóra, uma nesga de campo preto, e, por cima, o céu estrellado, porque a casa dos Camachos ficava ao sair da villa, mesmo no fim da rua. Dentro, a mãe punha a mesa para a ceia; e, estendendo a toalha, collocando os pratos, perguntou-lhe pela festa. — Que estava muito bonita, um batho bom, quasi todas as moças da villa, disse a rapariga; mas subitamente, corada, toda raivosa, não se teve mão, que não contasse á mãe o que lhe succedera com o Cardoso. Então a Benta parou, com um prato na mão, indignada

— Pois elle disse-te isto! Pois, olha livre-se elle que teu pae o saiba, que lh ha de partir a cara. Não lhe ha de vale lá o seu dinheiro... ha de lhe partir cara. Ora o condemnado... o alma d diabo...

Estavam tão accesas as duas mulheres tão entretidas na conversa, que não ouviram, fóra, um passo rapido na areia da estrada; e quando o almocreve, que tinha ido com o João Camacho, entrou a port tiveram um sobresalto. O moço vinha a t'lo, branco, e apenas pôde balbuciar as palavras:

— Oh! tia Benta, não se assuste... é uma desgraça... uma grande desgraça mas, oh! tia Benta, não se assuste.

A mulher escutava immovel, sem perber, sem perguntar; e a Rita de pé, palda, as mãos postas, não se atrevia a dizer uma palavra.

(Continua)

CORREIO DA "PALAVRA"

Deixou de sahir neste numero um artigo do nosso collaborador Sr. Lydio Barbosa, por motivo alheios á nossa vontade.

Pedimos desculpas ao nosso lento collaborador e prometemos publical-o no proximo numero.